

## Experiências da emigração açoriana

Gilberta Pavão Nunes Rocha

*Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores*

Derrick Mendes

*Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores*

### *Introdução*

As condições políticas e socioeconómicas que caracterizaram os Açores e as suas diferentes ilhas ao longo de quase todo o século XX tiveram um impacto direto na intensidade e no ritmo de saída da sua população, sendo particularmente acentuado em algumas décadas, precisamente aquelas em que se assiste a uma maior abertura de fronteiras por parte dos tradicionais países de acolhimento, especialmente os Estados Unidos da América, ou o surgimento de novos destinos, como é o caso do Canadá a partir de 1953<sup>1</sup>. As consequências no volume e na estrutura demográfica são conhecidas e contribuíram decisivamente para um acréscimo da diversidade regional, para a concentração demográfica nas ilhas de maior dimensão e densidade populacional, o envelhecimento precoce das restantes, pontualmente contrariado por movimentos internacionais e internos de entrada<sup>2</sup>. Neles se configuram

<sup>1</sup>G. P. N. Rocha, E. Ferreira e D. Mendes, *Entre dois mundos—emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011); G. P. N. Rocha, E. Ferreira, “População e circulação de pessoas,” in A.T. de Matos, A.F. de Meneses e J.G.R. Leite, eds., *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX, História dos Açores* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008), II (Cap. VI): 581-610; G. P. N. Rocha, “O crescimento da população e os novos destinos da emigração” in A.T. de Matos, A.F. de Meneses e J.G.R. Leite, eds., *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX, História dos Açores* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008), II (Cap. VI): 265-305.

<sup>2</sup>G. P. N. Rocha e E. Ferreira, “Territórios e dinâmicas migratórias nos Açores” in *Revista Cidades, Comunidades e Territórios* (Lisboa: Centro de Estudos Territoriais (CET/ISCTE), 2010), 97-110; Rocha e Ferreira, “População e circulação de pessoas;” G. P. N. Rocha, “Migrações, crescimento e envelhecimento demográfico nos Açores” in *Actas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares* (Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), 2010), 139-154; Rocha, “O crescimento da população;” G. P. N. Rocha, “O impacto das migrações na população dos Açores na segunda metade do séc. XX,” in *História das Ilhas Atlânticas* (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico/Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Governo Regional da Madeira, 1997), II: 449-467; G. P. N. Rocha, *Dinâmica populacional dos*

os aspetos teóricos da mobilidade numa perspetiva demográfica, essencialmente pessimista para os países e regiões de partida, que adquire maior relevância quando se trata de regiões insulares<sup>3</sup>.

Dependente de um tecido produtivo ligado sobretudo a uma agricultura tradicional e pouco dinâmica, por vezes condicionada por constrangimentos de ordem natural, como cataclismos ou intempéries, e enquadrada num contexto político nacional autoritário e fechado ao progresso económico— situação que só vem a ser alterada a partir do processo de democratização iniciado em 25 de Abril de 1974, e da consequente instauração dos regimes autonómicos, estabelecidos para os arquipélagos portugueses—os Açores, como o resto do país, têm na emigração uma das soluções de minimização das dificuldades económicas da sua população. De um modo geral, refira-se que os movimentos migratórios constituem

um barómetro de circunstâncias sociais, económicas e políticas em transformação, a nível nacional e internacional. Em ambos os casos, a migração é um sinal de grandes disparidades relativamente às condições económicas e sociais, entre o local de origem e de destino<sup>4</sup>.

Trata-se, então, de uma emigração de carácter eminentemente económico, de indivíduos com baixo ou nenhum nível de instrução que nos destinos integrarão o mercado de trabalho em profissões desqualificadas, que não são desejadas ou aceites por outros estratos da população de acolhimento<sup>5</sup>.

A componente relacional das teorias das redes sociais, designadamente as defendidas por Portes<sup>6</sup> a que se acresce outros quadros teóricos das relações e

*Açores no século XX: Unidade, permanência, diversidade* (Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1991).

<sup>3</sup>R. King, “A geografia, as ilhas e as migrações numa era de mobilidade global”, in *Actas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares* (Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), 2010), 27-62.

<sup>4</sup>M. B. Rocha-Trindade, *Sociologia das Migrações* (Lisboa: Universidade Aberta, 1995), 195.

<sup>5</sup>J. Peixoto, “Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências”, in João Peixoto, org., *Revista Migrações—Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, n.º 2 (Abril 2008) (Lisboa: ACIDI, 2008), 19-46; A. Portes, *Estudos sobre as migrações contemporâneas. Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração* (Lisboa: Fim de Século, 2006); A. Portes, *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*, (Oeiras: Celta Editora, 1999); R. P. Pires, *Migrações e integração: teoria e aplicações à sociedade portuguesa* (Oeiras: Celta Editora, 2003).

<sup>6</sup>Portes, *Estudos sobre as migrações contemporâneas*; Portes, *Migrações internacionais*.

das famílias transnacionais<sup>7</sup>, assume enorme importância no conhecimento da mobilidade e das diásporas na atualidade, mas também nas correntes da emigração açoriana das décadas de sessenta e setenta, que configuram uma parte importante da população emigrante tratada neste artigo, uma vez que foi neste período que partiu a maioria dos que posteriormente regressaram aos Açores—72,7%. Adicionalmente, no quadro mais geral dos recentes fluxos de saída, as Bermudas surgem como um dos destinos privilegiados da emigração açoriana, apresentando, todavia, características distintas dos anteriores, isto é, são preponderantemente temporárias e não familiares.

Assim, é nosso propósito realçar alguns dos aspetos mais diretamente relacionados com as experiências migratórias e a importância dos fatores económicos e das redes sociais nestas mesmas experiências, atendendo às opções subjacentes ao processo de partida, no primeiro caso, considerando, no segundo, a dimensão laboral e a participação associativa e política, sendo que estes são igualmente elementos centrais na caracterização do processo de integração nos países de acolhimento<sup>8</sup>.

#### *Metodologia*

Os dados analisados neste artigo resultam de um estudo mais amplo realizado em 2010<sup>9</sup> com base num inquérito construído e aplicado por técnicos da Direção Regional das Comunidades/Governo dos Açores a 3490 indivíduos, com idades compreendidas entre os 19 e os 92 anos, que haviam emigrado por um período igual ou superior a um ano e que declararam terem regressado aos Açores com a intenção de cá residirem. A informação relativa a esta população constava na base de dados do referido departamento governamental, complementada por outra disponibilizada por algumas entidades concelhias e locais (câmaras municipais, juntas de freguesia, paróquias e “in-

<sup>7</sup>V. Slonim-Nevo *et al.*, “Adjustment of Immigrants: A Longitudinal Study The Impact of Familial and Environmental Factors,” *Journal of Family Issues* 30 (1) (2009): 92-123; J. S. Phinney e A. D. Ong, “Ethnic Identity Development in Immigrant Families,” in Jennifer E. Lansford *et al.*, eds., *Immigrant Families in Contemporary Society* (New York: The Guildford Press, 2007), 51-68; R. Rogers, “The Transnational Nexus of Migration,” *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 34 (485) (1986): 34-50.

<sup>8</sup>D. M. Scott, “A integração dos luso-americanos nos Estados Unidos: uma análise comparativa,” *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* 19 (2010): 327-353; D. M. Scott, “Portuguese Americans’ Acculturation, Socioeconomic Integration, and Amalgamation: How Far Have They Advanced?” *Sociologia, Problemas e Práticas* n.º 61 (2009): 41-64.

<sup>9</sup>Rocha, Ferreira e Mendes, *Entre dois mundos*.

formantes privilegiados”). Os dados foram recolhidos entre o último trimestre de 2006 e o início do segundo trimestre de 2008 em todas as ilhas do Arquipélago, tendo sido validados 3463 inquéritos, com a seguinte distribuição Santa Maria—106 (3,1%); São Miguel—825 (23,8%); Terceira—838 (24,2%); São Jorge—468 (13,5%); Pico—505 (14,6%); Faial—334 (9,6%); Graciosa—180 (5,2%); Flores—191 (5,5%); e Corvo—16 (0,5%).

### *1. Motivações e determinantes à partida dos Açores*

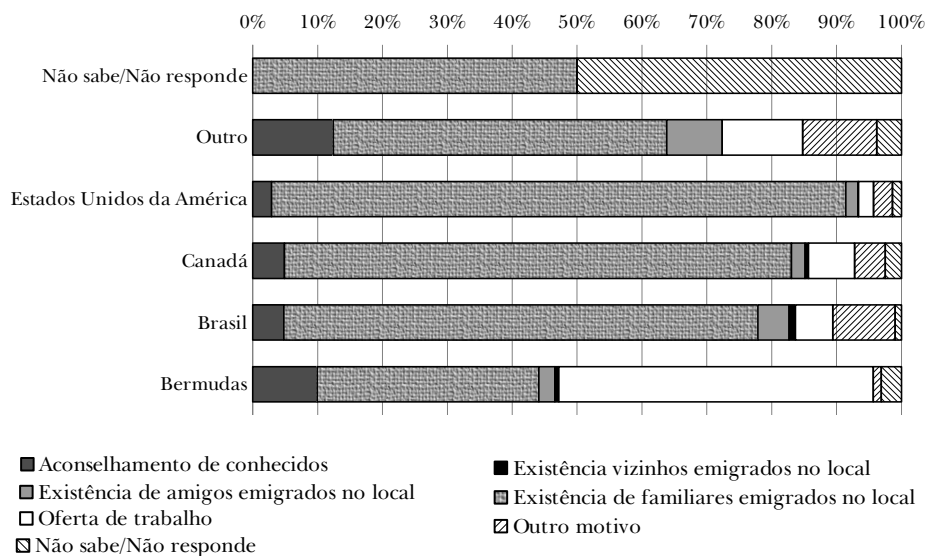
Ao equacionarmos as principais razões que estiveram na base da escolha do país de emigração, constatamos que o facto de já existirem familiares emigrados nesses países foi o principal argumento invocado. Se atendermos à distribuição por países de destino, constatamos que esta justificação surge com valores significativos nos Estados Unidos da América, no Canadá e mesmo no Brasil, embora menos relevante nas Bermudas, ainda que estes dois últimos países, pela sua menor importância numérica, tenham neste artigo um papel complementar.

Se os motivos subjacentes à escolha dos países de emigração por parte dos açorianos são, em termos globais, um pouco diversificados ainda que com alguma variabilidade consoante o destino escolhido, como é o caso das Bermudas, quando consideramos a sua distribuição percentual por ano constatamos que a “existência de familiares emigrados no local” é o elemento determinante e que está presente em todas as respostas, com particular relevância para o período 1965-1979. Neste sentido, confirma-se já para este fluxo, de forte intensidade, a existência de importantes redes sociais, em especial as familiares, que surgem como elementos nucleares na compreensão da problemática emigratória açoriana, da sua intensidade e até distribuição territorial<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup>A. Gherghel, e J. Le Gall, “Luso-Canadian Communities Nowadays: Analysing Census Data,” Observatório das Desigualdades, 2012, <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=121>; Scott, “A integração dos luso-americanos;” Scott, “Portuguese Americans’ Acculturation;” J. C. Teixeira, “Toronto Multicultural e Little Portugal (“a Décima Ilha dos Açores”),” in *Actas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares* (Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), 2010), 193-212; E.M. Dias, *Miscelânea Lusalandesa* (Lisboa: Edições Cosmos, 1997); V. P. Rosa & S. Trigo, *Contribuição ao estudo da emigração nos Açores* (Angra do Heroísmo: Governo Regional dos Açores, 1990).

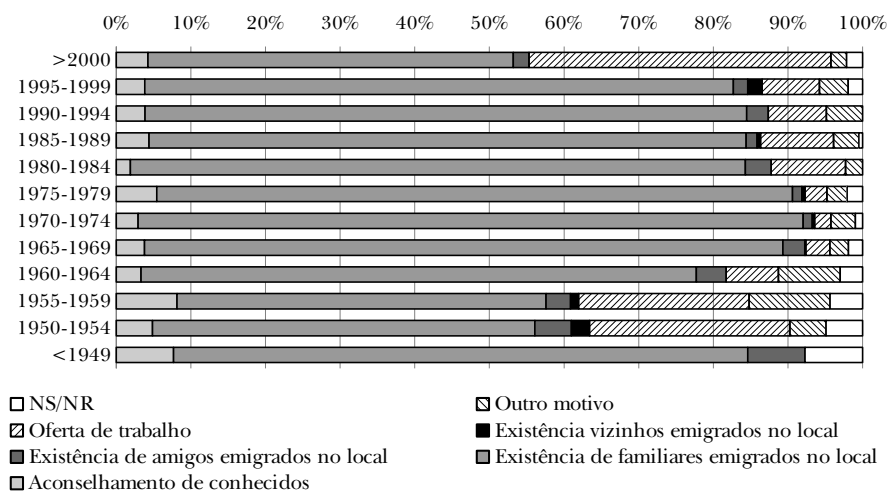
Gráfico I. Razões na escolha do destino, por países (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

Nas últimas três décadas, com particular destaque para a última, a “oferta de trabalho” passa a ser um dos motivos mais aludidos, afirmação dependente da preponderância de outro destino, as Bermudas, que exercem um importante poder catalisador nas opções migratórias recentes, não se alterando no entanto as características encontradas para os destinos anteriores—Estados Unidos da América e Canadá. Os quantitativos obtidos nos itens “aconselhamento de conhecidos” ou “ofertas de trabalho” não são de negligenciar, principalmente no caso das Bermudas que recolhe cerca de 60% das respostas, no que respeita a este último item. Nos Estados Unidos, Brasil e Canadá os valores para este *item* são bastante inferiores, rondando neste caso os 11%, 12% e 5%, respetivamente. Fica, assim, igualmente patente, além de outras características anteriormente apontadas, as diferenças entre estes últimos destinos americanos, aqueles que durante décadas exemplificaram a quase da totalidade das saídas das gentes açorianas rumo ao estrangeiro e o primeiro, as Bermudas, que é uma realidade mais intensa e visível nos anos mais recentes.

Gráfico 2. Razões na escolha do destino, por período de emigração (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

Neste contexto, que evidencia as opções relativas aos destinos da emigração da população deste arquipélago, iremos agora atender a alguns aspetos da sociedade açoriana que contribuem para a decisão de partida. Sobressaem, desde logo, as dificuldades económicas da época, decorrentes da existência de um tecido produtivo enfraquecido e pouco dinâmico. No princípio da segunda metade do século XX, a população açoriana dedica-se fundamentalmente à agricultura, correspondendo os agricultores, caçadores e silvicultores a 60,5% e 56,5% do total da população, respetivamente, em 1950 e 1960, enquanto que os pescadores se ficam pelos 2,7% na primeira data e 3,7% na segunda. Em 1960, a população afeta ao setor secundário é de apenas 16% e ao terciário de 23,4%<sup>11</sup>. De sublinhar, no entanto, que à deficiente informação estatística desse período, se acresce a dificuldade de, por vezes, distinguir as duas profissões referidas—agricultores e pescadores, em muitos casos existentes simultaneamente na mesma pessoa. Apesar disso não é difícil de en-

<sup>11</sup>J. C. Cunha, J. R. Raposo, M. L. Estevão e J. Enes, *A agricultura açoriana—realidades e perspectivas* (Lisboa: Secretaria de Estado da Agricultura, 1970, policopiado).

tender as afirmações dos autores que em 1970 realizaram para a Junta de Colonização Interna da Secretaria de Estado da Agricultura um estudo sobre a agricultura açoriana, inserindo-a num quadro mais vasto da sociedade açoriana dos anos 50 e 60, no qual afirmam:

... verifica-se que o sector secundário não constitui realmente hoje nos Açores um degrau para a valorização profissional e humana da mão-de-obra. Trata-se de indústrias pobres ou em crise, mal equilibradas, estranguladas por encargos e transportes. Muitas subsistem ... porque dispõem de mão-de-obra abundante e, por consequência, barata ... Só os serviços aparecem, pois como sector de emancipação... Não se lhes encontra capacidade de absorção, a curto prazo, para a mão-de-obra a dispensar pela agricultura. Essa, sim, está inegavelmente pressionada por mão-de-obra em excesso ... Para evitar que a emigração continue a surgir como única solução é necessário imaginar para os Açores novas vias de progresso<sup>12</sup>.

Ainda a este propósito, os mesmos autores acrescentam:

parece não ser necessário dizer muito mais para se avaliar: do estado de atraso da economia açoriana; da importância que a atividade agrícola ainda possui; da fragilidade congénita do sector industrial e do empolamento patológico do sector terciário<sup>13</sup>.

Na década de setenta, que regista diferenças relativamente diminutas face ao período anterior, resultado da perda gradual da preponderância regional das atividades relacionadas com o setor primário, observamos que, do total da população açoriana com atividade económica, a agricultura, silvicultura e caça e pesca ocupavam 49,8%, situação distinta da observada para os serviços que reúnem 32,9% do total. Reportando-se à situação da economia dos Açores em meados da década de setenta, Fortuna<sup>14</sup> afirma que

em 1976, a economia dos Açores experimentava uma das piores hemorragias demográficas da história deste arquipélago, evidência de um modelo económico que não dava resposta às necessidades de uma sociedade moderna e constituía um prenúncio de mudanças estruturais inevitáveis. A economia dos Açores era,

---

<sup>12</sup>Cunha *et al.*, *A agricultura açoriana*, 72.

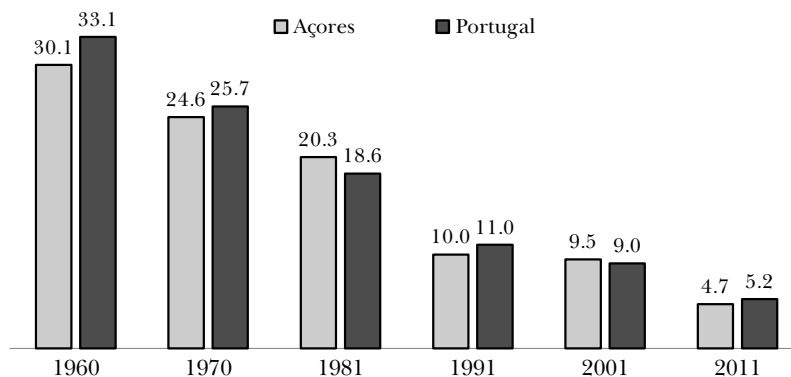
<sup>13</sup>Cunha *et al.*, *A agricultura açoriana*.

<sup>14</sup>M. Fortuna, "A economia: do predomínio da pecuária ao fomento do turismo," in A.T. de Matos, A.F. de Meneses e J.G.R. Leite, eds., *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX, História dos Açores* (Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008), II (Cap. VI): 551.

à data, ainda fortemente dependente de uma agricultura e de uma agropecuária de minifúndio, numa época de globalização de todos os mercados importantes ...

Associando à evolução das características da população açoriana, principalmente aquelas que se encontram relacionadas com o mercado de trabalho, já acima explicitadas e que a seguir voltaremos, é de sublinhar que nos anos 60 e 70 os níveis educacionais da população dos Açores são baixos, sem grandes alterações face aos mais de 50% de analfabetos verificados em 1940, apesar de neste quantitativo estarem inseridas as crianças, numa sociedade que apresenta uma estrutura etária bastante jovem<sup>15</sup>.

Gráfico 3. Taxa de analfabetismo nos Açores e em Portugal (1960—2011)<sup>16</sup>(%)



Fonte: INE, *Censos da População*, 1960, 1970, 1991, 2001, 2011.

Assim, se por um lado, diminuiu significativamente o valor percentual daqueles que não têm qualquer nível de instrução formal, passando de valores da ordem dos 30% em 1960 para 4,5% em 2011; por outro, regista-se um aumento significativo não só dos que atingem os níveis de ensino obrigatório, como também o facultativo, em especial o secundário, o médio e o superior, embora a grande maioria—29,1%, atinja apenas o 1º ciclo do Ensino Básico, isto é, quatro anos de escolaridade, como comprovam os valores registados no censo de 2011. A melhoria educacional descrita, não elimina, todavia, os

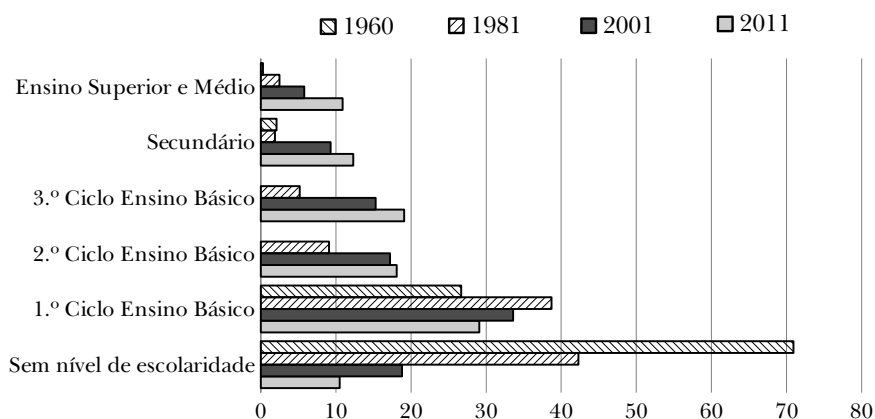
<sup>15</sup>G. P. N. Rocha, "A sociedade açoriana—uma perspectiva quantitativa da sua evolução 1864-1940" in *O Estudo da História*, Revista nº 1 (Lisboa: Associação de Professores de História, 1996): 9-46.

<sup>16</sup>População com 10 e mais anos de idade que "não sabe ler nem escrever".



baixos níveis de instrução ainda existente na população dos Açores, que são inferiores aos observados para a globalidade do país—, tornando-a, assim, cada vez menos atrativa na competição internacional, de pendor cada vez mais qualificado.

Gráfico 4. População dos Açores por nível de escolaridade mais elevado e completo, em 1960, 1981, 2001 e 2011 (%)



Fonte: INE, *Censos da População*, 1960, 1981, 2001, 2011.

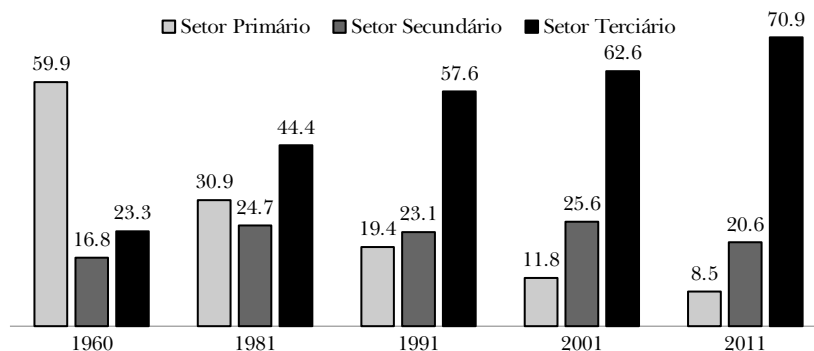
Explicitando agora a evolução mais recente de um dos aspetos fundamentais da caracterização económica—população pelos setores de atividade (primário, secundário e terciário)—as alterações são igualmente evidentes, em especial no que respeita ao primeiro caso, “*embora prevaleçam sinais claros e um peso inquestionável da sua tradição agrícola e pecuária*”<sup>17</sup>. Com efeito, ao longo dos anos setenta, a população empregada no setor primário diminuiu em cerca de 30 pontos percentuais em relação à década de sessenta, passando de 59,9% para cerca de 31% em 1981, tendência que se mantém nas décadas seguintes, atingindo cerca de 9% em 2011. Em sentido inverso, e em acréscimos sensivelmente da ordem das diminuições anteriores, está o setor terciário que passa de 23,3%, em 1960, para 44,4% em 1981 atingindo os 70,9%, no último momento censitário.

Neste sentido, os anos oitenta do século passado marcaram o princípio de uma alteração significativa da sociedade açoriana, menos propiciadora às saídas, em especial no que respeita às migrações internacionais. Neste contexto,

<sup>17</sup>Fortuna, “A economia,” 551.

de conhecimento das causas e consequências do processo de desenvolvimento da sociedade açoriana, de cada uma das suas ilhas, e do aprofundamento das mudanças sociais verificadas nas últimas décadas, que em parte ultrapassa os objetivos específicos deste artigo, sublinha-se os seus reflexos na mobilidade das suas gentes. As alterações observadas devem ainda ser inseridas no contexto mais vasto de uma análise de âmbito nacional mas também insular, de um arquipélago disperso, formado por 9 ilhas, entre os continentes europeu e americano e que distam nos seus extremos em cerca de 2300 km. Com efeito, não podemos deixar de referir que, não obstante o desequilíbrio patente entre os setores de atividade, fundamentalmente devido a uma acentuada diminuição da população no Primário, o setor terciário tem-se revelado preponderante, ainda que em grande medida esta tendência resulte da dispersão geográfica e da conseqüente necessidade de instalar serviços públicos em todas as ilhas.

Gráfico 5. População por setores de atividade nos Açores nos anos de 1960, 1981, 1991, 2001 e 2011 (%)



Fonte: INE, *Censos da População*, 1960, 1981, 1991, 2001, 2011.

A estas alterações internas não podemos deixar de associar igualmente as mudanças paradigmáticas nos tradicionais países de destino da emigração açoriana, cujos avanços tecnológicos, inseridos num mundo mais globalizado e interdependente, afetaram as características da sua mão de obra imigrante, que passou a ser tendencialmente mais qualificada. Destaque-se, ainda, o crescente entendimento político de alguns países de acolhimento em controlarem os fluxos de entrada, seja por imperativos económicos, seja por razões de ordem securitária, procedendo a diversas alterações nas suas políti-

cas de imigração e de permanência de população estrangeira no interior das suas fronteiras<sup>18</sup>.

Recentrando o nosso enfoque na população emigrante, designadamente na sua dimensão económica e profissional, uma das componentes sempre presentes nos processos migratórios contemporâneos<sup>19</sup>, verifica-se que os açorianos antes de emigrarem estavam, na sua maioria, empregados (63,2%). Quando consideramos estes elementos por país de emigração uma das primeiras conclusões que importa sublinhar refere-se ao facto de cerca de 80% se encontrar empregada antes de emigrar para as Bermudas evidenciando, por conseguinte, as características particulares da emigração para este país, quer nas suas características, quer temporalidades. Já nos casos dos Estados Unidos da América (62,3%) e do Canadá (65,4%), apesar da importância registada de ativos empregados ser significativa, é de destacar as cerca de 20% de domésticas que, por via de emigração em família ou de reagrupamento familiar, optaram por estes destinos, aspeto que não pode ser dissociado da fraca participação da mulher no mercado de trabalho nos Açores naqueles anos.

Neste contexto, cabe realçar que não é o desemprego<sup>20</sup> a razão primeira que conduziu esta população à emigração, mas antes os baixos salários existentes numa região pobre e com mão de obra abundante, como anteriormente foi assinalado. O que nos leva para outra componente da vida profissional—as diferenças remuneratórias entre os países de origem e de acolhimento, dados que, no entanto, não nos é possível quantificar e fazer a análise subsequente, considerando também os respetivos poderes de compra. Todavia, se é certo que estamos na presença de uma população que aquando da emigração estava maioritariamente empregada<sup>21</sup>, não é menos verdade

<sup>18</sup>G. P. N. Rocha, A. Borralho, A. T. Alves, D. Mendes e O. Silva, *Emigrantes deportados nos Açores* (Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores, 2012).

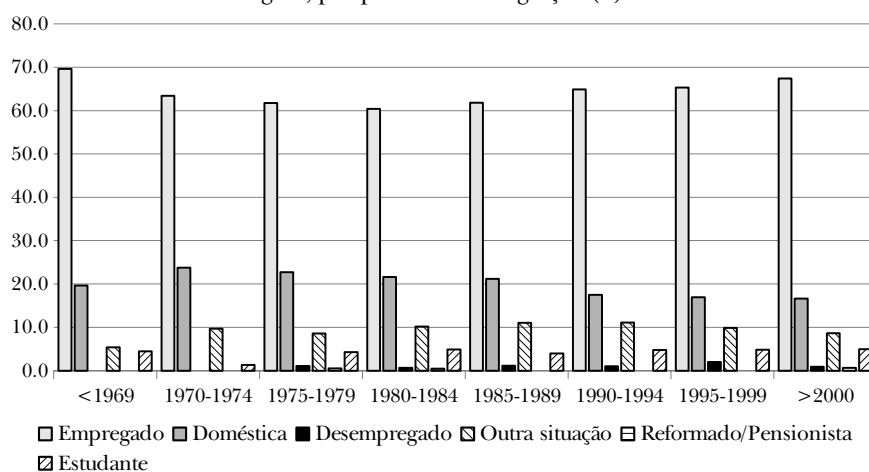
<sup>19</sup>G. P. N. Rocha e E. Ferreira, “A emigração açoriana na segunda metade do século XX: algumas perspectivas da imprensa micaelense”, in *Actas do Colóquio Internacional A História da Imprensa e a Imprensa na História. O Contributo dos Açores* (Ponta Delgada, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso (Universidade dos Açores)—Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Universidade de Coimbra, 2009), 183-201; Peixoto, “Imigração e mercado de trabalho,” 9-46; Portes, *Estudos sobre as migrações*; B. R. Chiswick, *The Economics of Immigration* (Reino Unido: Edward Elgar Publishing, 2005).

<sup>20</sup>Em 1960, de acordo com os valores censitários, os Açores apresentavam uma taxa de desemprego de 2,5%, próxima da média nacional—2,4%. Em 1981 o Arquipélago apresentava das taxas de desemprego mais baixas de Portugal, na ordem dos 3%.

<sup>21</sup>Os dados globais para os Açores indicam que taxa de atividade em 1981 era de 47,9%

que a sua situação económica e social era débil e as possibilidades de mobilidade social muito limitadas. No caso dos Estados Unidos da América, apesar da entrada dos emigrantes açorianos no mercado de trabalho ao longo das décadas de 60 e 70 ter ocorrido principalmente em setores pouco qualificados, a verdade é que estes eram estáveis e apresentavam elevados índices remuneratórios<sup>22</sup>, contrastando, como referimos, com o que se passava na sociedade açoriana.

Gráfico 6. Emigrantes regressados por situação face ao trabalho no país de origem, por período de emigração (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

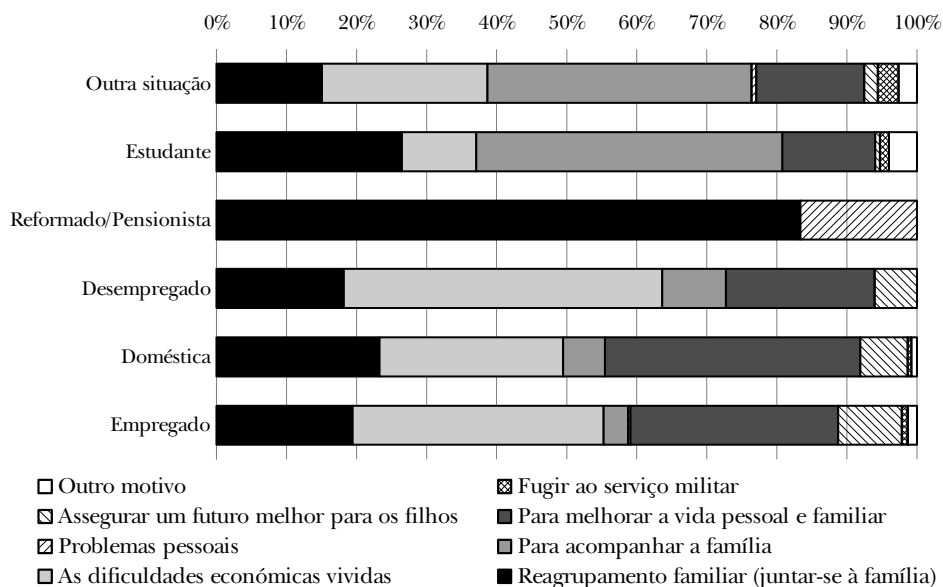
Complementarmente, quando consideramos a situação face ao trabalho por período de emigração, constata-se que os que estavam empregados e que optaram por emigrar estão significativamente representados em todo o período em análise, ainda que com variações ao longo das décadas. Nos dois quinquênios posteriores a 1974, a tendência geral é de decréscimo dos fluxos de saída de população empregada, ainda que se mantenha acompanhada pela população doméstica. Após a primeira metade da década de oitenta as-

(81,1% e 16,5% para homens e mulheres, respetivamente). Duas décadas depois, os valores são relativamente distintos, registando-se uma taxa de atividade de 53,4% (66,9% e 40,5% para homens e mulheres, respetivamente).

<sup>22</sup>Scott, "A integração dos luso-americanos;" Scott, "Portuguese Americans' Acculturation," 41-64.

siste-se novamente ao aumento dos que se encontravam empregados, contrariamente ao que se regista na população doméstica cuja tendência é de decréscimo, como se constata no Gráfico 7.

Gráfico 7 Emigrantes regressados por principal motivo de partida, segundo a situação face ao trabalho (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

Quando olhamos para as profissões exercidas pelos indivíduos antes da partida constata-se que a maioria se encontrava ligada aos setores e ramos de atividade: “Agricultura e Pescas” (52,3%), da “Construção” (11%), do “Comércio e Reparação de Veículos” (6,6%) e da “Indústria” (5,9%). De resto, os quantitativos anteriormente apontados não se distinguem muito dos observados para a globalidade da população açoriana à época, pois em 1960 os trabalhadores açorianos integrados na agricultura era da ordem dos 56%, na construção de 8% e na indústria dos 9%<sup>23</sup>.

<sup>23</sup>Departamento Regional de Estudos e Planeamento (DREPA), *População e Emprego*, Governo Regional dos Açores, 1984.

No universo dos que se encontravam empregados (63,2%), o desejo e a necessidade de ultrapassar as dificuldades económicas vividas (35,8%), para melhorar a vida pessoal e familiar (29,6%) ou ainda de assegurar um futuro melhor para os filhos (9,1%) são os elementos mais referidos na motivação à emigração, o que confirma a precariedade com que viviam nos Açores<sup>24</sup>.

Assim, se o perfil dos que emigraram, designadamente nas décadas de sessenta e setenta, que posteriormente regressaram, não parecer ser distinto dos que permaneceram nos Açores, evidenciam-se as dificuldades de natureza económica, decorrentes de baixos salários, que surgem como elementos essenciais para o desejo de melhoria nas condições de vida dos próprios e dos seus descendente e são o impulso determinante à partida, sendo que na opção dos destinos se relevam as relações com os familiares residentes nos países de destino, em especial nos Estados Unidos e no Canadá.

## 2. *Experiência(s) emigratória(s)*

No que respeita à dimensão laboral experienciada nos diferentes países de acolhimento, constatamos que são os setores da “Indústria” (38,7%), da “Construção” (16,3%) e da “Agricultura e Pescas” (13,8%) os que revelaram maior capacidade de absorção da mão de obra açoriana, invertendo-se, de algum modo, os saberes e as práticas levadas dos Açores. Com efeito, se os ramos de atividade são, sensivelmente, os mesmos, já a sua importância relativa é distinta, com uma significativa transferência para a indústria e construção civil, em detrimento das atividades do setor primário, em especial a agricultura, onde estavam maioritariamente integrados na região de origem. Releva-se, em primeiro lugar, as diferenças na estrutura económica e empresarial dos países de destino, com níveis de industrialização bem distintos dos de Portugal em geral, e dos Açores, em particular, designadamente nas décadas de fluxos emigratórios mais intensos. Mas não devemos minimizar o facto da concentração nestes setores possa ter ocorrido também, ou até fundamentalmente, por via das redes sociais e familiares existentes em cada um dos vários destinos, funcionando estas como elementos da sua empregabilidade. Complementarmente, e conhecidos os baixos níveis de instrução da

---

<sup>24</sup>A este propósito refira-se que cerca de 70% da população empregada em 1960 era trabalhadora por conta de outrem, valor que dista do registado em 1981 e 2011—82,6% e 81%, respetivamente. No caso dos trabalhadores familiares não remunerados representavam cerca de 7% em 1960, valor muito distinto do registado em 2011—1%.

população açoriana, não podemos negligenciar o facto de, como bem sublinha Sá para a realidade norte-americana do terceiro quartel do século XX a propósito do défice educacional apresentado pelos imigrantes portugueses, “a base industrial das comunidades [...] reflectia, de certo modo, a falta de postos de trabalho que exigissem formação superior”<sup>25</sup>.

*Quadro 1.* Emigrantes regressados por setores de atividade e países de destino (%)

Setores de atividade	Países de Acolhimento				
	Bermudas	Brasil	Canadá	Estados Unidos da América	Outro
Agricultura e Pescas	29,3	2,5	5,6	19,0	6,5
Indústria	0,7	8,9	34,0	46,6	24,7
Construção	16,4	7,6	26,7	8,9	30,1
Comércio e Reparação de Veículos	2,1	45,6	3,3	4,1	8,6
Transportes, Armazenamento e Comunicação	0,0	1,3	3,0	1,1	3,2
Administração Pública e Defesa	0,7	0,0	0,2	0,3	0,0
Ensino	0,7	1,3	0,5	0,7	3,2
Saúde	0,0	1,3	0,4	1,4	2,2
Hotéis e Restauração	16,4	8,9	2,6	1,8	2,2
Outros Serviços	22,1	8,9	17,9	10,4	15,1
Empregados Domésticos	8,6	0,0	1,5	0,6	0,0
Outras Atividades não especificadas	2,9	13,9	4,3	5,1	4,3
<i>Total</i>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Fonte:* G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

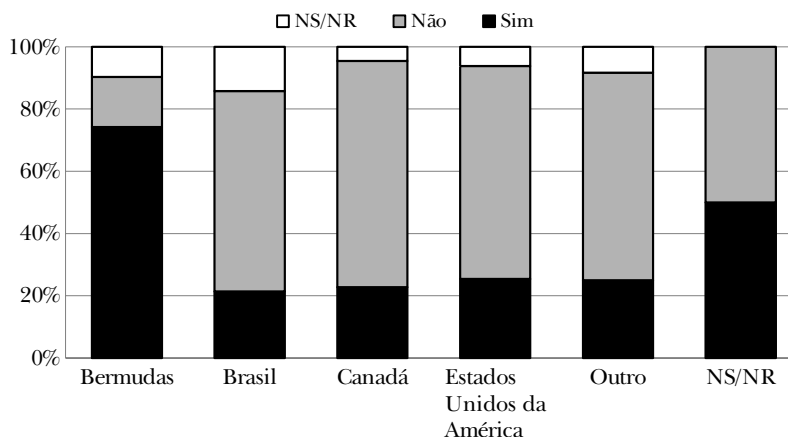
Espelhando o quadro que temos vindo a descrever, notamos que a realidade vivida pelos emigrantes açorianos não parece ser muito distinta da restante comunidade portuguesa. Com efeito, atendendo a uma repartição por países de emigração das principais atividades económicas, constata-se que a “agricultura e pescas”—essencialmente atividades relacionadas com a jardinagem—revela um importante peso nas Bermudas (29,3%), situação que ape-

<sup>25</sup>G. de Sá, “Os portugueses dos EUA em 2006—características demográficas, sociais e económicas,” in A. Pena, M. Mesquita e P. Vicente, coords., *Galiza e Açores—A Rota Americana* (Coimbra: Edições Almedina 2012), 107.

nas encontra alguma similitude nos Estados Unidos da América (19%). Em relação ao setor da “construção” observamos que ele é mais preponderante no Canadá (26,7%) e nas Bermudas (16,4%).

As situações analisadas respeitam unicamente à última atividade exercida no país de acolhimento, o que não significa que todos estivessem a exercer uma profissão no momento imediatamente anterior ao regresso. Além disso, existem situações de pluriatividade, ainda que estas sejam pouco representativas, pois 68% afirma não ter exercido mais do que uma atividade em simultâneo. Todavia, entendemos não dever ignorar os cerca de 26% que responderam positivamente, que poderão refletir aspetos relacionados com a flexibilidade do mercado laboral desses países, a necessidade de suprir algumas dificuldades económicas ou, porventura, a vontade de acumular poupanças o mais rapidamente possível com o objetivo de antecipar o regresso aos Açores.

Gráfico 8. Pluriatividade dos emigrantes regressados por países de destino (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

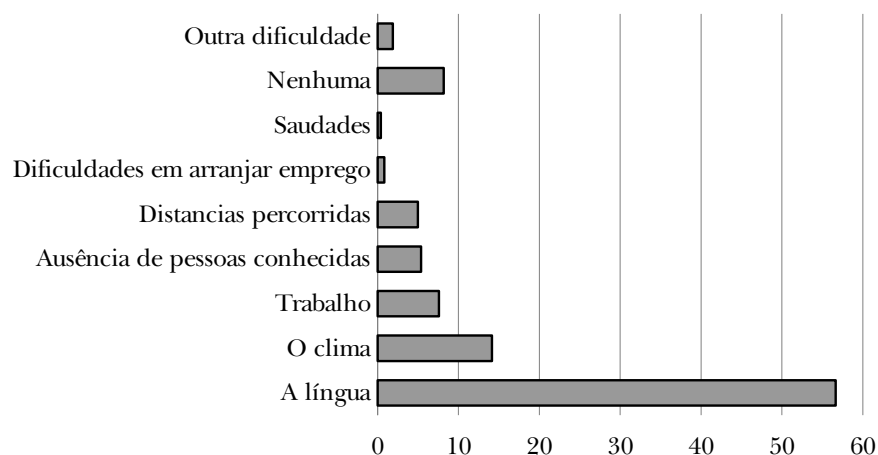
Se é relativamente reduzido o peso global da pluriatividade, quando consideramos a distribuição por países verificamos que ela assume importâncias relativamente distintas. Assim, se nas Bermudas estas situações são mais frequentes (74,2%)—em parte explicável pelo tipo de emigração em questão—,



no caso dos Estados Unidos, Canadá e Brasil, não deixam de ser ainda assim significativas, pois representam cerca de 20% em cada um destes países.

Procuraremos atender agora a outros aspetos relativos à experiência migratória, nomeadamente as dificuldades encontradas, quer à chegada, como as que se depararam ao longo da permanência nos diferentes países de acolhimento. Em termos globais, o desconhecimento da língua (56,6%)—mais evidente no caso do inglês em países como as Bermudas, Estados Unidos e Canadá—surge como sendo o maior entrave referido ao processo de adaptação e de integração<sup>26</sup>. O clima, o trabalho e ausência de pessoas conhecidas são, igualmente, outros elementos referidos, ainda que registem valores percentuais menos significativos—14,1%, 7,6% e 5,4%, respetivamente.

Gráfico 9. Principais dificuldades sentidas à chegada (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

Apesar das dificuldades apontadas pelos emigrantes à chegada poderem condicionar o seu processo de adaptação aos diferentes referenciais socioculturais dos países de acolhimento e a novas profissões, a existência de redes fa-

<sup>26</sup>A este propósito consulte, entre outros: E. da Silva, “Sociolinguistic (Re)constructions of Diaspora Portugueseness: Portuguese-Canadian Youth in Toronto,” PhD Dissertation, University of Toronto (2011); Scott, “A integração dos luso-americanos;” Scott, “Portuguese Americans’ Acculturation;” Teixeira, “Toronto Multicultural,” 193-212.

miliares e sociais de apoio parece ter constituído um importante elemento na facilitação desse processo. A solidariedade exercida no âmbito dessas redes parece ter sido ativada para cerca de 83% dos respondentes. A solidariedade familiar parece ter sido mais intensa no caso dos que emigraram para o Canadá (84,3%) e para os Estados Unidos da América (82,4%). Ao interligarmos este aspeto com a natureza dos apoios recebidos à chegada, constatamos que foi importante sobretudo na “procura de alojamento” (44,2%) e na “procura de emprego” (41,3%), como anteriormente sublinhámos. A “ajuda económica” e “procura de escola para os filhos” surgem com valores relativamente baixos denotando, neste último caso, algumas dificuldades de interação com as instituições e seus representantes por parte dos indivíduos que prestaram apoio, cuja explicação pode estar, igualmente, num fraco domínio da língua inglesa por parte destes. Neste sentido, o suporte familiar surge como o fator preponderante em todos os aspetos, com exceção no contacto formal com as instituições, onde prevalece a ajuda de amigos anteriormente emigrados (66,7%). Assim, se a existência de redes sociais, designadamente as familiares, tinham surgido como fator importante na decisão de partida, são novamente acionadas no processo de acolhimento e de facilitação da integração no novo destino, designadamente em termos laborais, ao mesmo tempo que funcionam como veículos privilegiados de transmissão cultural intergeracional, como afirma Ferreira (2012):

os imigrantes de “1.ª geração” assumem uma posição privilegiada, dentro do contexto familiar onde se inserem, enquanto agentes de um conjunto vasto de traços e formas da sua cultura de proveniência<sup>27</sup>.

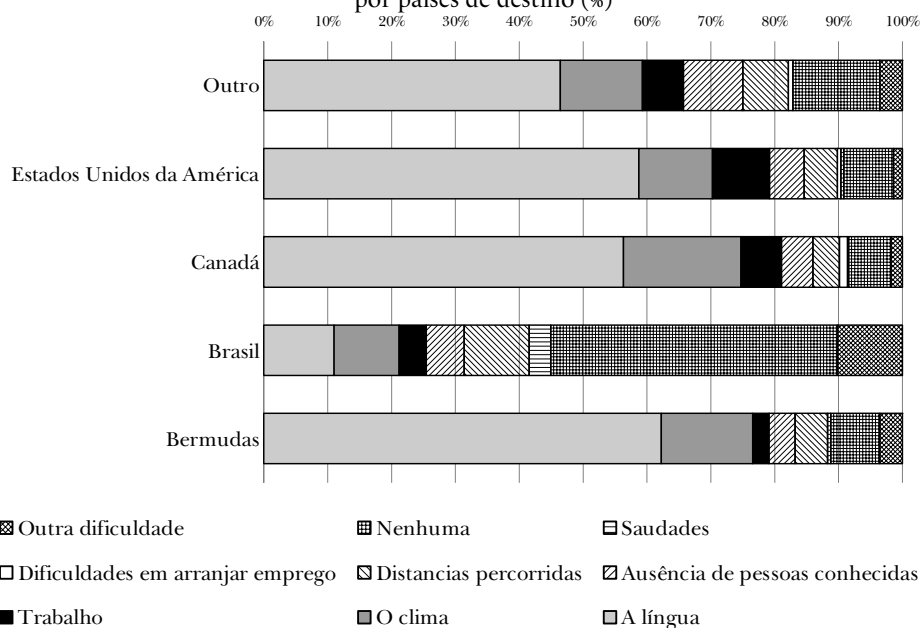
A par destes elementos, é de salientar o grau de escolarização atingido pelos emigrantes<sup>28</sup> açorianos no país de acolhimento, que pode ser determi-

<sup>27</sup>Ferreira, “Um perfil dos luso-americanos,” 50.

<sup>28</sup>Não podemos deixar de notar que ao longo das décadas de 40, 50 e 60 do século XX Portugal apresentava níveis educacionais relativamente baixos, quando comparado com outros países europeus e mesmo com os Estados Unidos da América e Canadá. Com efeito, tal como alude Nunes para a globalidade da comunidade portuguesa no Canadá ou Sá para a os Estados Unidos da América, os níveis de ensino médio da primeira geração imigrantes portugueses no terceiro quartel do século passado era de apenas 4 anos de escolaridade primária. Sá, “Os portugueses dos EUA; F. Nunes, “Striking a Balance in Canada’s Diversity Dialogue—The Case of Portuguese-Canadian Community,” *Canadian Diversity* 6 (2) (2008): 121-125; F. Nunes, “Marginalisation, Social Reproduction and Academic Underachievement: The Case of the Portuguese Community in Canada,” in G. de Abreu, T. Cline

nante, ainda que não determinista, para a compreensão do seu processo de integração e de adaptação, considerando-o preditivo de situações de mobilidade socioeconómica ascendente. Quando analisamos em detalhe o nível de escolaridade alcançado concluímos que a experiência emigratória não parece

Gráfico 10. Principais dificuldades sentidas à chegada, por países de destino (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

ter tido efeitos positivos no aumento das qualificações e competências da população em análise. Por outras palavras, de acordo com os valores obtidos, poucos terão sido os casos em que os emigrantes açorianos que regressaram à região de origem, que são maioritariamente os que saíram nos anos sessenta e setenta, alteraram o grau de instrução durante o período em que permaneceram nos países de destino. Assim, os percursos de mobilidade social as-

and H. Lambert, eds., *The Education of Portuguese Children in Britain. Insights from Research and Practice in England and Overseas* (Luton, Departamento de Psicologia, Universidade de Luton, 2003), 122-158.

cedente desta população, ao contrário do que sucedeu com outros grupos étnicos<sup>29</sup>, parecem ter ocorrido maioritariamente numa lógica económica, remuneratória, e não tanto ao nível educacional, não sendo, todavia, de negligenciar a possibilidade desta se efetuar nos descendentes, isto é, numa 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> geração, problemática que ultrapassa o âmbito deste artigo<sup>30</sup>.

Como sabemos, a prossecução de objetivos específicos, a reivindicação e a pressão política junto do poder administrativo, político ou económico, no sentido da defesa de interesses próprios, partilhados voluntária e reciprocamente por um conjunto de indivíduos, tem tornado os movimentos associativos das comunidades imigrantes uma importante ferramenta de afirmação. Neste sentido, também o maior “dinamismo dos laços sociais estabelecidos através do espaço”<sup>31</sup> faz das associações e coletividades interlocutores privilegiados entre a comunidade imigrante que representa e a comunidade recetora, no sentido em que o desenvolvimento de redes sociais nacionais e transnacionais<sup>32</sup>, a integração e a preservação da identidade, contribuem para a consolidação de um poder simbólico, dos quais os aspetos formais constituem elementos balizadores da ação dos indivíduos.

Assim, a ação e a participação social e política<sup>33</sup> dos emigrantes açorianos é outro aspeto que merece a nossa atenção. Ainda que não seja o único indicador da integração dos emigrantes nas diferentes estruturas dos vários países de acolhimento<sup>34</sup> e da ligação que mantêm com as de Portugal e dos Açores.

---

<sup>29</sup>Scott, “A integração dos luso-americanos;” Scott, “Portuguese Americans’ Acculturation.”

<sup>30</sup>Para uma análise mais aprofundada sobre esta questão consultar, entre outros: E. Ferreira, “Um perfil dos luso-americanos;” Scott, “A integração dos luso-americanos;” Scott, “Portuguese Americans’ Acculturation;” Teixeira, “Toronto Multicultural.”

<sup>31</sup>Portes, *Estudos sobre as migrações*, 16.

<sup>32</sup>S. Castles, “Migration und Community Formation under Conditions of Globalization”, *Center for Migration Studies of New York (IMR)* 36 (4) (2002): 1143-68; S. Castles, “Estudar as transformações sociais”, *Sociologia, Problemas e Práticas* n.º 40 (2002): 123-148.

<sup>33</sup>I. Bloemraad, “Unity in Diversity? Bridging Models of Multiculturalism and Immigrant Integration,” *DuBois Review: Social Science Research on Race* 4 (2) (2007): 317-336; I. Bloemraad, “Becoming a Citizen in the United States and Canada: Structured Mobilization and Immigrant Political Incorporation,” *Social Forces* 85 (2) (2006): 667-695.

<sup>34</sup>Scott, “A integração dos luso-americanos;” Scott, “Portuguese Americans’ Acculturation;” M. A. Oliveira e C. Teixeira, *Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá—Trajetórias de Inserção em Espaços Multiculturais* (Oeiras: Celta Editora 2004); O. Medeiros e A. Ma-

res<sup>35</sup> permite mais algum conhecimento do seu grau de integração, por um lado, e de relacionamento com a terra de origem, por outro.

Quadro 2. Nível de escolaridade dos emigrantes regressados atingido nos países de acolhimento (%)

Nível de escolaridade	Total	País de acolhimento				
		Bermudas	Brasil	Canadá	Estados Unidos	Outro
Não sabe ler nem escrever	8,0	5,0	3,8	6,0	9,9	3,8
Sabe ler e escrever sem frequentar a escola ou concluir o 1.º ciclo	16,3	14,9	8,7	18,5	16,0	6,7
1.º Ciclo	59,2	56,5	67,3	59,9	58,3	64,8
2.º Ciclo	5,6	16,1	1,9	5,5	4,8	7,6
3.º Ciclo	4,7	5,6	5,8	4,9	4,5	7,6
Ensino Secundário	3,6	1,2	2,9	3,6	3,6	2,9
Curso Médio	0,7	-	2,9	0,8	0,6	2,9
Curso Superior	1,1	-	4,8	0,3	1,6	2,9
Não sabe/ Não responde	0,7	0,6	1,9	0,6	0,7	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

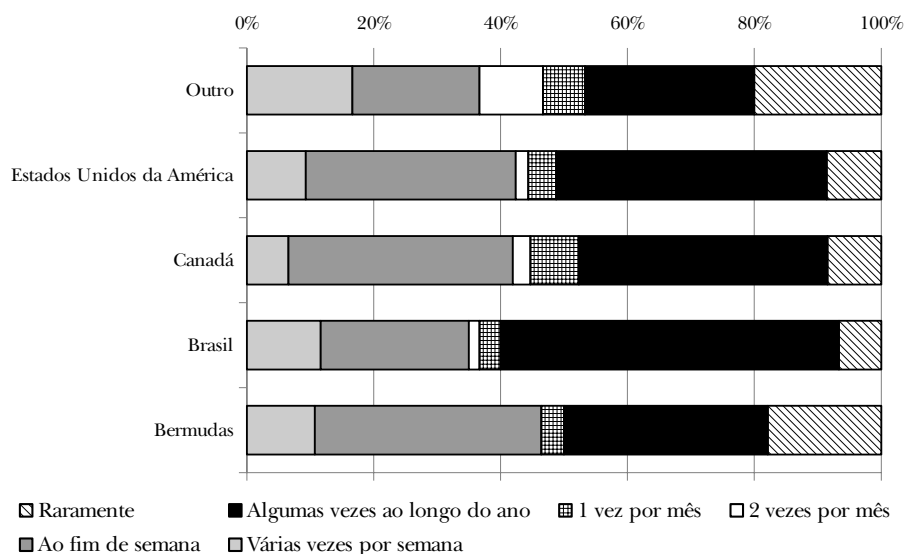
Neste sentido, quando equacionamos o envolvimento na vida associativa dos emigrantes açorianos nos diferentes países de acolhimento constatamos

deira, *Emigração e regresso no Concelho da Nordeste* (Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores, 2004); O. Medeiros e A. Madeira, *Emigração e regresso no Concelho da Povoação* (Ponta Delgada, Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores, 2003).

<sup>35</sup>O. T. Almeida, “Comunidades portuguesas nos Estados Unidos: identidade, assimilação, aculturação,” in M. Lages e A. T. de Matos, coords., *Portugal: percursos de interculturalidade* (Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008), 339-422; O. T. Almeida, *O Peso do Hífen—ensaio sobre a experiência luso-americana*, (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (ICS), 2010); O. T. Almeida, “The Portuguese American Communities and Politics—A Look at the Cultural Roots of a Distant Relationship”, *Gavea-Brown* xix-xx (January 1998-December 1999): 229-243.

que cerca de 42% afirmaram frequentar coletividades ou associações da comunidade local, estrangeira ou portuguesa. Ainda que não tenhamos conseguido apurar, de forma sistemática, a natureza da sua participação e em quais é que mais participavam observamos, todavia, que, em termos de regularidade, se destacam os que afirmaram “algumas vezes ao longo do ano” (40%) e ao “fim de semana” (32%). No caso dos Estados Unidos da América e do Canadá a tendência geral manifestada é de o fazerem algumas vezes por ano, ainda que os que o fazem pelo menos uma vez por mês não sejam de negligenciar e resultam, em grande parte, de iniciativas organizadas pelas Casas dos Açores ou por organizações desportivas ou religiosas de índole açoriana.

Gráfico II. Regularidade da participação dos emigrantes regressados em coletividades ou associações da comunidade local (estrangeira ou portuguesa), por países de destino (%)



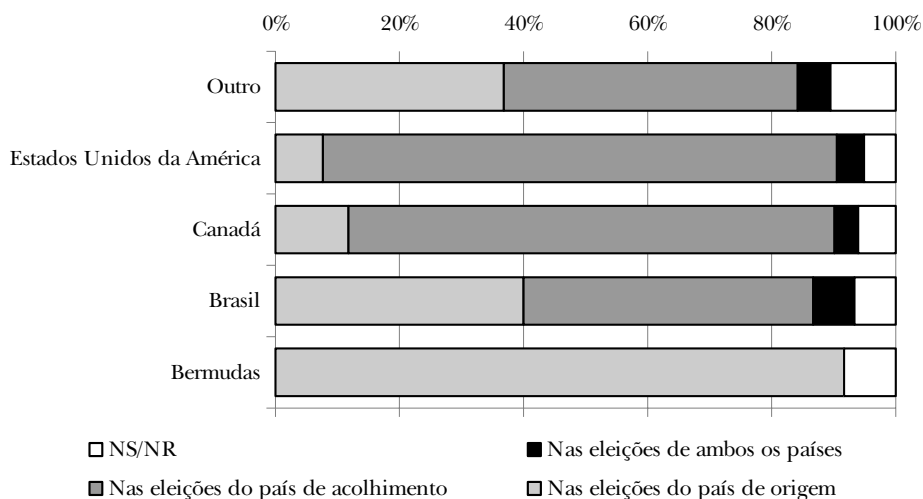
Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

Considerando o caso particular da Califórnia do início dos anos noventa do século passado, como refere Linda Cool—tipificando em dois grandes

grupos de organizações: as que seguem os modelos do país de origem e as que são modeladas nos princípios de organização americana—

A geração de imigrantes, que chegou em grande número entre 1960 e 1974, finalmente lançou raízes fortes na terra adoptiva. Agora já dispõe de tempo e de rendimentos suficientes para se dedicar a promover os seus próprios empreendimentos ou a participar intensamente nas várias actividades e organizações comunitárias, que mais lhe interessam, como também em actividades da sociedade maioritária<sup>36</sup>.

Gráfico 12. Emigrantes regressados segundo o exercício do direito de voto, por países de destino (%)



Fonte: G. P. N. Rocha, E. Ferreira, e D. Mendes, *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores/Between Two Worlds. Emigration and Return to the Azores* (Ponta Delgada: Governo dos Açores, 2011).

Embora a ação e a participação política não se manifestem unicamente através do voto<sup>37</sup>, o recurso a esta variável permite-nos aferir com algum detalhe o nível de integração nesta vertente da vida coletiva dos emigrantes

<sup>36</sup>L. E. Cool, V. Borba e J. F. Machado, *Lá muito longe para além do mar; um estudo sobre os imigrantes portugueses na Califórnia* (Angra do Heroísmo: Governo Regional dos Açores, 1994), 231.

<sup>37</sup>G. P. N. Rocha, O. H. R. de Medeiros, L. M. V. Tomás, A. Madeira, e Á. Borralho, *A situação das mulheres nos Açores* (Ponta Delgada: Assembleia Legislativa Regional/Centro de Estudos Sociais, 1999).

açorianos nas sociedades em que optaram residir. Neste sentido, considerando o “exercício do direito de voto” nas eleições dos diferentes países de acolhimento, nas de Portugal ou de ambos, concluímos que cerca de 82% afirmaram que nunca o fizeram enquanto estiveram emigrados, valor que não deixa de ser elucidativo do seu alheamento em relação à política e ao exercício de um dever de cidadania, bem compreensível, no entanto, se atendermos ao quadro caracterizador da região, como do país, de origem na época em que dela saíram. De resto, esta constatação está em linha com as conclusões apontadas por Scott para a realidade norte-americana onde “os imigrantes portugueses têm optado pela cidadania em números mais reduzidos do que os outros imigrantes europeus”<sup>38</sup>, apresentando, conseqüentemente, baixos índices de integração política nos países de acolhimento. Todavia, tal como argumenta O. T. Almeida<sup>39</sup>, a falta de participação política não é uma característica exclusiva ou única da comunidade açoriana ou portuguesa radicada nos Estados Unidos da América, Canadá ou Brasil, ainda que possamos notar diferenças relativamente significativas entre estes países, resultado de modelos de incorporação e integração social e política distintos<sup>40</sup>. Esta autora salienta que as diferenças registadas entre os Estados Unidos e o Canadá ao nível da participação política e do exercício da cidadania se devem ao modo como as instituições sociais e políticas de cada um destes países se relacionam com os imigrantes e perspetivam o seu papel no espaço social, cultural e político. Com efeito, nas duas últimas décadas assistimos ao surgimento nos Estados Unidos de uma visão e de uma política cada vez mais securitária e defensiva em relação aos imigrantes<sup>41</sup>, situação relativamente distinta da observada no Canadá, onde se promove e se incentiva a participação política e da cidadania dos imigrantes residentes. No caso específico dos emigrantes açorianos, não podemos ignorar que a menor participação política—medida aqui por via do exercício do direito de voto, como tivemos ocasião

<sup>38</sup>D. M. Scott, “A Integração dos Luso-Americanos nos Estados Unidos: Uma Análise Comparativa,” *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* 19 (2010), 349.

<sup>39</sup>Almeida, “Comunidades portuguesas,” 339-422; Almeida, “The Portuguese American Communities,” 229-243.

<sup>40</sup>Bloemraad, “Unity in Diversity?” 317-336; Bloemraad, “Becoming a Citizen,” 667-695.

<sup>41</sup>Rocha, *et al.*, *Emigrantes Deportados nos Açores*; T. M. P. Silva, “Geografias de exclusão e inclusão (Políticas migratórias e de deportação dos Estados Unidos da América e os cidadãos deportados em São Miguel (Açores)),” Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (Migrações e Sociedade), Universidade dos Açores (2011) [Texto Policopiado].



de referir—pode estar associada, entre muitos outros aspetos, com o nível educacional ou com o facto de grande parte destes indivíduos terem vivido nos Açores até 1974 sob um regime ditatorial, onde os níveis participação social e política eram limitados ou praticamente inexistentes, como anteriormente referimos.

Assim, não obstante termos registado uma incipiente cultura política, não poderemos negligenciar os cerca de 18% que afirmaram terem votado, onde cerca de 78% fê-lo nas eleições do país de acolhimento e 12,5% nas de Portugal. Se esta última informação indicia uma fraca participação nos momentos eleitorais, indica também a existência de uma maior ligação com o país de acolhimento do que com o de origem, justificável, porventura, pela proximidade dos emigrantes ao quotidiano sociopolítico local onde são desafiados a participar, mas que não deixa de ser um bom indicador do seu processo de integração.

Face ao exposto, constata-se que as experiências migratórias da população em análise relevam a importância das redes sociais e, principalmente, familiares na inserção no mercado de trabalho e na superação das dificuldades quotidianas, designadamente nos momentos iniciais da sua vivência no estrangeiro. Se estes aspetos contribuíram para a sua integração, não foram suficientes para que se alterasse significativamente o perfil dos emigrantes açorianos que regressaram em especial no que respeita à sua baixa escolaridade e afirmação na vida coletiva tanto do país de origem, como de destino.

### *Conclusão*

Desde meados dos anos sessenta até quase à década de oitenta do século passado, um número significativo de açorianos, com baixa qualificação e emprego, procurou noutros territórios, em especial nos Estados Unidos e no Canadá, uma alternativa às dificuldades vividas nos Açores, tendo sido acolhidos pelos familiares já residentes nestes países, cujos apoios foram fundamentais para o seu processo de integração, confirmando, assim, o quadro teórico centrado na importância das redes sociais.

Sem ter aumentado significativamente os seus níveis de instrução, posicionando-se em atividades profissionais de baixo estatuto social, não muito distintas das que exerciam na região de origem, esta geração de emigrantes, que posteriormente regressa aos Açores, consegue auferir rendimentos que propiciaram uma outra qualidade de vida, bem diferente da que tinham no

arquipélago, o que evidencia a realização essencial dos objetivos que os levaram a partir, e que são determinantes nas diferentes teorias sobre a mobilidade, isto é, a melhoria de condições económicas. Não alteraram significativamente as suas relações sociais e a participação cívica e política, designadamente esta última, mas mantiveram formas de associativismo e participação, o que releva o papel das relações transnacionais e a manutenção das redes familiares na compreensão do fenómeno migratório. Esta aplica-se tanto na sua vertente de saída, como de regresso, neste caso no seu sentido identitário de pertença a uma comunidade mais ampla, uma diáspora.

Ainda assim, alguns empenham-se noutras formas de cidadania e atividade política, designadamente em atos eleitorais do país de acolhimento, mais dificilmente extensível à região de onde partiram e onde poucos tiveram voz. Voz que para esta geração foi ainda incipiente na sua afirmação que lhe propiciaria a obtenção de poder e reconhecimento político que a sua dimensão faria esperar<sup>42</sup>, e que cremos só as novas gerações o poderão fazer. O cumprimento deste desiderato depende de políticas públicas, sustentadas no conhecimento do que foram e são os açorianos residentes no arquipélago, nas suas várias ilhas, os que nunca partiram, os que regressaram, mas também aqueles que permanecem em outras partes do mundo.

---

<sup>42</sup>R. D. Marinho e E. E. Cornwell, *Os Luso-americanos, no processo político americano—estudo de uma situação concreta* (Angra do Heroísmo: Governo Regional dos Açores, 1992).